



XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE

O Maracatu Rural como Fonte de Inspiração para a Cidadania: os Manifestos Folkcomunicacionais para o Desenvolvimento Local

Ariella Dias de Souza¹

Ernandes Luiz Tavares da Silva²

Betânia Maciel³

Resumo:

O artigo aborda os grupos de maracatu de baque solto ou rural, que reúne trabalhadores rurais e cortadores de cana de açúcar na Zona da Mata Norte de Pernambuco, Cambidinha de Araçoiaba e o Estrela de Ouro de Aliança. O estudo analisou o manifesto cultural que representa a resistência dessas pessoas diante das inúmeras dificuldades de vida nos canaviais expostos aos efeitos da monocultura. A análise recorreu aos estudos folkcomunicacionais como instrumento de cidadania a partir dos meios que dão vozes aos subalternos, para contribuir com o avanço do desenvolvimento, sendo esse pautado pelas melhores condições de vida dos que geralmente são os mais excluídos da sociedade urbanizada. Para a metodologia foram adotadas entrevistas semiestruturadas, observações participativas e pesquisas de informações documentais, com a comparação de dados verificados diante de um único problema norteador para ambos os objetos de pesquisa: a inclusão social a partir do maracatu rural no cotidiano canavieiro. Dessa maneira, foram identificados: a criação e gerência de estratégias para a inclusão social, o empoderamento feminino em meio ao patriarcado, a preservação de suas identidades culturais, a valorização pessoal e a perseverança para novo comportamento político em uma sociedade capitalista que muitas vezes privilegia os modos culturais urbanos.

Palavras-chave: maracatu rural; folkcomunicação; cidadania; cana-de-açúcar; monocultura

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Bolsista Capes. E-mail: ariella_dias@hotmail.com

²Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Bolsista Capes. E-mail: tavares79ernandes@gmail.com

³Doutora em Comunicação e docente na Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da UFRPE. E-mail: betaniamaciel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As perspectivas de vida fundamentadas pela monocultura da cana-de-açúcar são marcadas pela exclusão social, além da exploração econômica com a mão-de-obra barata em condições insalubres, existem os riscos que podem levar ao óbito. De acordo com Gilberto Freyre (1989, p. 163), as condições dessas pessoas relacionadas ao ranço patriarcal só piorou desde o período escravocrata quando, mesmo sob o interesse pelo rendimento para o labor, havia a preocupação com a saúde. O cultivo canavieiro do sistema *agrobusiness* neoliberal não apenas desconsidera os danos ao meio ambiente, como também sujeita os trabalhadores a venenos (agrotóxicos) e fuligens da queima da cana com 172 substâncias, ambos de alto potencial cancerígeno. Se integrar numa manifestações de cultura popular, como num grupo de maracatu rural, significa buscar inspiração de resistência nos contextos mais excluídos pela sociedade contemporânea urbanizada.

Esse estudo traz as probabilidades de inclusão social das famílias rurais envolvidas com a monocultura canavieira, sendo essas pertencentes os grupos Cambindinha de Araçoiaba e Estrela de Ouro de Aliança, ambos em destaque nos movimentos culturais brasileiros e situados na Zona da Mata Norte de Pernambuco, região marcada pela exploração da cana desde o período colonial no Brasil. A história do lugar se confunde com a do desenvolvimento do país, hoje angariando os amargos resultados dos mais de 500 anos de opressão, monopólio e impactos sociais e ambientais.

Em Araçoiaba, por exemplo, a colheita da safra que estava prevista para fevereiro de 2017 não foi realizada devido à falta de chuvas, somente as usinas possuem o sistema de irrigação. Essa perda significa o prejuízo de investimentos e trabalhos realizados ao longo de oito meses. O município vive em sistema permanente de abastecimento hídrico desde antes à sua emancipação, e sem água encanada nos lugares mais afastados da cidade, nesses há a dependência é única e exclusivamente das nascentes e chuvas. E, de acordo com os relatos dos moradores rurais do município, a cada ano está diminuindo o volume de água nas galerias. Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU)⁴ sobre o desenvolvimento mundial da água, as

⁴ **Fonte ONU:** <http://www.unwater.org/statistics/statistics-detail/en/c/211820/>
Acessado em 12/02/2017, às 10h25.

retiradas subterrâneas tá aumentando em todo o mundo, com a diminuição de 1 a 2% ao ano.

Essa é apenas uma das muitas facetas dos enfrentamentos desses trabalhadores rurais, sujeitos ao engendrado das políticas neoliberais que centralizam as decisões econômicas para a acumulação de capital, mão-de-obra barata e exploração dos recursos naturais.

Dessa maneira, a árdua realidade cotidiana dessas pessoas é marcada pela subordinação, sendo o maracatu rural o motivo para o encontro com amigos e familiares para o divertimento e troca de experiências. É no canto e na dança que conseguem o alívio para continuar a jornada de vida.

“As culturas populares (termo que achamos mais adequado do que a cultura popular) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, rela e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.”, (CANCLINI, 1983, p. 43).

Dos canaviais para a apresentação em importantes festividades de Pernambuco, outros estados do Brasil e até de fora do país, os maracatus Cambindinha, como popularmente é chamado, e o Estrela de Ouro de Aliança refletem o entusiasmo da manifestação que tem como fonte de inspiração a cidadania, com a inclusão social via a cultura popular. São exemplos do sentimento de pertencimento de uma sociedade contraditória que ora os exclui e ora os tieta, nos remetendo aos meios de recodificação como o Movimento Canavial com sua rede de grupos culturais, artistas, empresas, associações, rádios comunitárias e pontos de cultura (que funciona como uma agência de fomento), como fruto de empoderamento. As manifestações culturais ou folclóricas constituem mecanismos protagonistas para o desenvolvimento local, pois os princípios fluem na contramão dos fundamentos dominantes estabelecidos pelas relações hegemônicas, para a expressão em linguagem popular a partir da cultura marginalizada.

Numa análise folkcomunicacional, podemos compreender que os meios (resultados obtidos) a partir do objeto (maracatu rural) são os instrumentos de intermediação entre a cultura das elites (erudita ou massiva) e a das classes trabalhadoras (rurais ou urbanas). De acordo com Melo (2008, p.17) ao contemplar Luiz

Beltrão, a folkcomunicação se dedica ao “estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fato e expressão de ideias”.

Assim, para essa pesquisa partimos da abordagem dos conceitos de culturas populares para os estudos científicos da folkcomunicação como instrumento de cidadania. A análise de desenvolvimento desse universo partiu das concepções de transformação descentralizada dos poderes constituídos globalmente, via mudanças coletivas a partir de suas próprias potencialidades endógenas populares. Para a metodologia foram adotadas entrevistas semiestruturadas, observações participativas e pesquisas de informações documentais, com a comparação de dados verificados diante de um único problema norteador para ambos os objetos de pesquisa: a inclusão social a partir do maracatu rural no cotidiano canavieiro na Zona da Mata Norte de Pernambuco. O objetivo foi evidenciar as duas manifestações culturais populares (Cambidinha e Estrela de Ouro de Aliança) para a conquista da cidadania em meio a exploração da monocultura da cana-de-açúcar na região.

Dessa maneira, o estudo fundamentou-se na Folkcomunicação para o Desenvolvimento Local para a expansão da liberdade, mesmo que de forma incipiente diante das forças hegemônicas, mas como processo de resistência através das forças coletivas populares.

2. SOBRE A MONOCULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR

A monocultura canvieira segue os mesmos princípios exploratórios instaurados no Brasil com a chegada dos colonizadores. Sem nenhum sentimento de pertencimento à terra, a ganância enxerga a natureza como fonte infindável de recursos naturais e o homem, como meio de mão-de-obra barata. Assim, em pleno século 21, mantém-se a racionalidade patriarcal de desenvolvimento favorável às forças hegemônicas antes para privilegiar de forma econômica os colonos e, agora, os *boss-bussiness*.

Nesse processo, igualmente ao trator que agride o solo incessantemente até exaurir a sua fertilidade e extinguir os seus nutrientes, a monocultura da cana-de-açúcar destrói, promove o desmatamento, altera o clima, interrompe a biodiversidade nativa promovendo a perda da conservação dos recursos naturais, polui a água, solo e ar, causa a concentração fundiária, a disputa de territórios, sujeita seres humanos e animais,

menospreza a qualidade de vida e aumenta e inúmeros problemas sociais, como a falta de água e a exclusão social.

Gilberto Freyre (1989, p. 73) ao elucidar sobre a monocultura expôs: “o canavial desvirginou todo esse mato grosso do modo mais cru: pela queimada. A fogo é que foram se abrindo no mato virgem os claros por onde se estendeu o canavial civilizador mas ao mesmo tempo devastador”.

O ostensivo e violento sistema difusionista implantado no Brasil pela Revolução Verde na década de 60, com os pacotes tecnológicos (uso de maquinários, agrotóxicos, etc.), não considerou os impactos sociais e ambientais. E a intensificação de produção acabou piorando o que já não era bom. De acordo com a Comissão Pastoral da Terra (CPT)⁵, o Brasil é campeão no uso de agrotóxicos, e na Zona da Mata Norte de Pernambuco existem muitos casos de contaminação e óbito de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Essas pessoas também são expostas à fuligem da queima da cana-de-açúcar para a colheita, a liberação dos gases além de ser poluente e influenciar no clima, provoca doenças cancerígenas, respiratórias e cardiovasculares.

A monocultura da cana-de-açúcar é perversa e, mesmo por traz do escudo da matéria prima para o “combustível limpo”, de acordo com Machado e Albuquerque (2013, p.122) para se produzir 1 litro de etanol são necessários 100 litros de água. E as sobras residuais da destilaria para o etanol, apesar de usadas na lavoura como fertilizante, também são despejadas em rios devido à quantidade em excesso, provocando a poluição da água e a morte de peixes e plantas nativas. “O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas usinas...”, Gilberto Freyre (1989, p. 64).

As condições de vida dessas pessoas revelam a indignidade humana em detrimento de sua cidadania. O cultivo da cana-de-açúcar é injusto, além das péssimas condições de trabalho sob o sol a pino em temperatura média de 30°C na Zona da Mata Norte pernambucana, a remuneração é baixa com o preço médio de R\$ 100,00 a tonelada, com a variação de R\$ 6,00.

⁵ **Fonte:** <https://www.cptne2.org.br/index.php/publicacoes/noticias/agrotoxicos/2853-agrotoxicos-e-usinas-de-cana-de-acucar-condenam-trabalhadores-a-morte-na-zona-da-mata-de-pe29>

Matéria publicada em 20/05/2011. E acessada em 06/03/2017, às 20h36.

Neste contexto, Araçoiaba foi emancipada de Igarassu há 21 anos e mede 96.381 km² (IBGE/ 2015) com a população estimada em 20.046 (IBGE/ 2016). De acordo com informações do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), mais da metade de sua área é ocupada pela produção canavieira. Dentre os muitos problemas, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) que é um dos menores do Estado com 0,592 (IBGE/ 2010), o município vive sérias dificuldades com a falta de água.

Aliança possui x anos, mede 272,133 km² (IBGE/ 2015) e possui cerca de 38.261 (IBGE/ 2016) moradores. Segundo pesquisa realizada em 2010 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 15,810 hectares são ocupados pelo cultivo de cana-de-açúcar. Com o IDHM de 0,604 (IBGE/ 2010), o fator econômico do município sempre esteve relacionado à produção açucareira, seguido da agricultura familiar. Os recursos hídricos são escassos na região, com grande o número de desempregados.

3. SOBRE O MARACATU RURAL

O termo Maracatu Rural, antes mais conhecido por Maracatu de Baque Solto, tem ganhado mais popularidade nos últimos anos devido aos grupos culturais e de pesquisa científica que o adotaram para designar o local de origem da referida cultura popular, nascida da ideia de onde seria o ambiente de divertimento dos negros, no período escravocrata.

Para os brincantes, o maracatu rural significa um bem precioso, sentido este que chega a representar algo mais importante que apenas uma brincadeira. Alguns maracatuzeiros chegam a afirmar que seria uma espécie de um legado secular, motivo de orgulho e entusiasmo entre os componentes. Dessa forma, a curiosidade acerca do que seria maracatu rural chegou ao campo acadêmico e muitos foram os pesquisadores que tiveram interesse em pesquisar mais sobre o tema.

Segundo o conceito de Real (1990), “O maracatu rural é uma manifestação típica da Zona da Mata Norte de Pernambuco que tem sua origem no sincretismo de vários folguedos populares existentes no interior de Pernambuco”. Por se encontrarem vivendo num espaço hostil, muitos trabalhadores do corte da cana de açúcar se viam rodeados de medo, por parte de seus chefes de engenho à época, como afirma Medeiros (2005, p. 206), “este ambiente era opressor, pois existia um forte coronelismo, autoritarismo, cerceamento da liberdade, violência. A disciplina nos engenhos era medieval, cheia de

castigos, punições, privações de divergências políticas e religiosas”. Foi então que, muitos desses homens e mulheres encontraram na dança uma forma de suprirem suas angústias e falta de divertimento, como assegura a mesma autora:

“O maracatu rural seria uma das primeiras maneiras de alteração dos integrantes (maracatuzeiros), cabendo aos mesmos expressarem suas histórias de vida, dor e revolta por meio da dança (coreografias), o lado da proteção espiritual, o manuseio de armas e o porte da gigantesca lança⁶, o ritmo cantado e o conteúdo em forma de protestos nas letras das loas.”, (MEDEIROS, 2005, p. 206).

Datado no século XVII, o maracatu surgiu a partir da criação da Instituição Mestra por parte da Coroa Portuguesa que deu condição aos negros, escravos e libertos o direito de brincarem entre si e realizarem uma espécie de eleição à época para a nomeação do rei e da rainha do maracatu. Com o passar do tempo, foi observado através do maracatu outras manifestações culturais, como exemplo o afoxé baiano e a congada mineira, este último conhecida como Instituição do Rei do Congo.

Todos os adereços, vestimentas e figurinos usados durante as apresentações dos grupos de maracatus eram confeccionados pelos próprios integrantes, assim como ainda é até hoje: bordados das golas, corte de fantasias, enfeites das guiadas, relhos e chapéus. Os maracatuzeiros são responsáveis por tudo no grupo, dede os ensaios da música e dança, aos preparativos que antecipam as apresentações, como figurino, conservação da sede, etc.

É importante destacar que além da musicalidade ser diferente do maracatu nação, o rural preserva elementos exclusivos que refletem a interpretação do cotidiano rural: baianas, caboclos de lança, caboclos de pena ou arreia-má, corte real, orquestra, toadas e sambadas. Para tanto, essas como outras características vem ao longo dos anos diferenciando-a do maracatu de baque virado e colocando o maracatu rural como um dos principais expoentes da cultura popular brasileira.

4. CAMBINDINHA DE ARAÇOIABA

⁶A figura de destaque do maracatu rural é o caboclo de lança que usa uma indumentária belíssima composta por uma gola com desenhos feitos em lantejoulas, uma cabeleira com fitas coloridas e usam uma lança de madeira pontiaguda recoberta com inúmeras fitas coloridas, chamada guiada (ASSIS, 1996).

O maracatu Cambindinha surgiu em 15 de dezembro de 1914 no sítio Chá de Jaqueira entre os engenhos Gambá e Cotunguba, antes pertencentes à cidade de Nazaré da Mata e hoje à Tracunhaem. Mas, foi transferido para Araçoiaba há mais de 60 anos quando um de seus fundadores, o Mané Tapiré, se mudou com sua família para o município.

Registrado como *Maracatu de Baque Solto Cambindinha de Araçoiaba*, o Cambindinha como popularmente é conhecido, nasceu a partir da brincadeira de crianças liderada pelo comerciante Manoel Maximiano do Nascimento, o Mané Tapiré. O nome Cambindinha se deu em virtude de ser o diminutivo de “cambinda”, que significa folguedo em comunidades rurais.

Considerado o grupo de maracatu rural mais antigo em atividade no País, a agremiação concentra 120 componentes, dentre eles 20 mulheres. A presença feminina num grupo de maracatu rural é uma quebra de paradigma, pois no cenário canavieiro onde o ranço do patriarcalismo é atroz, o empoderamento feminino demonstra a conquista de espaços antes inocupados por mulheres. Nos primórdios do Cambindinha, os homens é que se vestiam de mulheres para representar as baianas. Hoje, não há distinção de sexo, a convivência é harmônica e com o respeito mútuo ao ponto de até as mulheres poderem vestir figurino do caboclo de lança, que é um dos ícones mais emblemáticos do manifesto.

De acordo com o tesoureiro e também músico responsável pelo trombone de vara, Gleydson Barreto, cerca de 30 a 40 % dos componentes estão envolvidos com o cultivo da monocultura canavieira. Sob o comando do mestre Dedinha que há 39 anos mantém-se na ativa, considerando um dos mais antigos mestres de maracatu rural, o Cambindinha foi homenageado pelo seu centenário em 2014 pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e pela Prefeitura do Recife, e em 2015 pela Prefeitura de Araçoiaba. Também participou de importantes eventos do Estado, como o Festival de Inverno de Garanhuns (FIG) de 2014 e o 3º Encontro Internacional de Poesia, no mesmo ano. Tradicionalmente se apresenta no domingo de carnaval no Marco Zero do Recife, há quatro anos incluso na programação oficial.

5. MARACATU ESTRELA DE OURO DE ALIANÇA

O maracatu Estrela de Ouro de Aliança nasceu no dia 1 de janeiro de 1966, na localidade de Chã de Camará, distrito do município de Aliança, por Severino Lourenço

da Silva mais conhecido como Mestre Batista, sob a influência de seus familiares. Relatos de alguns integrantes mais antigos do Estrela de Ouro de Aliança afirmam que antes da referida data, o grupo já existia com o nome de Nação do Maracatu Cambinda Nova, quando na década de 1960 ganhou o novo batismo que permaneceu até os dias atuais.

Consta no estatuto da fundação que a inspiração para o nome veio da estrela que marca o frontispício da casa central do Sítio Chã de Camará, onde fica a sede do Estrela de Ouro de Aliança. O grupo concentra 130 pessoas: 120 brincantes e 10 que desempenham função de produção, sendo cerca de 30 componentes mulheres. Mais de 50% desse total estão relacionados ao trabalhado com a cana-de-açúcar, nas mais diversas áreas da produção. E os demais às atividades agrícolas.

A presença feminina no Estrela de Ouro de Aliança é marcada desde o início da fundação, porém de uma forma não muito evidente. Pois, não havia no grupo a encenação da corte real, em que aparecem mais personagens mulheres. De acordo com os relatos, o mestre Batista cultivou a tradição que recebeu de seu tio e avô e só anos depois, quando foi apresentar-se no Recife, é que utilizou a corte no ano de 1986 em seu desfile oficial. A Federação Carnavalesca de Pernambuco impôs que existisse uma corte real no Estrela de Ouro de Aliança e a representação dos guerreiros da Zona da Mata Norte do estado. No mesmo ano, foi alcançado o título de campeão da Segunda Categoria, garantindo um lugar na Primeira Categoria.

E em 1987, consagrou-se campeão na Primeira Categoria e, em 1988, mais uma vez campeão na Primeira Categoria, passando a ocupar a Chave A, entre as disputas do carnaval de maracatus sendo, em 1989, campeão da Chave A. Em 2011, foi agraciado com a Ordem do Mérito Cultural concedido pela Presidência da República.

6. PROCESSOS DE INVESTIGAÇÃO

Ao analisarmos as perspectivas de decodificação da cultura popular através dos maracatus rurais Cambindinha de Araçoiaba e Estrela de Ouro de Aliança, mediante as contribuições dos estudos folckcomunicacionais, buscamos nos amparar pelo referencial metodológico de resistência aos processos excludentes de desenvolvimento de reminiscências escravocratas.

O uso das manifestações culturais ou folclóricas para a conquista de meios inclusivos nos levou à observação do maracatu rural como agente, para a projeção de meios folkcomunicacionais capazes de recodificar valores antes invisíveis ou ignorados. Na Zona da Mata Norte pernambucana, onde as condições de trabalho são dramáticas, a inserção numa brincadeira após a semana de dificuldades é meio de revigorar as forças para os seus enfrentamentos diários.

A prática social tem suas origens em séculos passados quando, nas senzalas dos engenhos de cana-de-açúcar, escravos cantavam e dançavam para preservar sua identidade cultural e obter o momento de vigor espiritual. À margem da sociedade em culto ao próprio universo, as manifestações nos permitem visualizar a importância do protagonismo exercido no grupo como forma de exaltação à liberdade, mesmo que momentânea em poucas horas em um único dia da semana.

Do anonimato ao reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, dos ensaios em terra batida aos holofotes das apresentações em respeitadas eventos, nas mãos castigadas pela enxada a agulha do bordado no manto confeccionado cuidadosamente, vive a tradição do maracatu rural que entoa os cânticos ou loas, como são definidas as músicas originais especialmente na Zona da Mata Norte de Pernambuco.

“As culturas populares existem porque a reprodução desigual da sociedade gera uma apropriação desigual da sociedade gera uma apropriação desigual dos bens econômicos e culturais por parte de diferentes classes e grupos na produção e no consumo; uma elaboração própria de suas condições de vida e uma satisfação específica de suas necessidades nos setores excluídos da participação plena no produto social; uma interação conflitiva entre as classes populares com as hegemônicas pela apropriação dos bens.”, (CANCLINI, 1987, p. 49).

A importância da mediação no mundo multifacetado ou multicultural de Beltrão legitima o pensamento folkcomunicacional, em que a expressão dos subalternos ou grupos marginalizados obtém êxitos, mesmo que por vezes industrializados como produtos de vitrine de um turismo despreocupado com as culturas populares, sustentado mais pela beleza do colorido e excentricidade que pelo direito à expressão. Fato é que

nem de todo mal se alimentam os resultados, a visibilidade das manifestações populares diante dos enfrentamentos do cotidiano pode ser sim meio de inserção social, antes inalcançável.

“Neste novo cenário o agente intermediário da Folkcomunicação já não é tão importante na recodificação das mensagens da mídia para um contexto local. O chofer de caminhão, o mascate, o bicheiro, já não trazem tantas novidades para as cidades rurais como acontecia nos anos 1960. O homem da roça tem em casa telefone DDD e DDI, rádio, televisão, (...) não precisa desmontar do cavalo ou parar a carroça para telefonar, é bastante usar o celular, ou seja, ele está conectado com os muitos lugares por diferentes meios de informação e comunicação.”, (TRIGUEIRO, 2007, p. 142).

Através de muita luta e perseverança, essa gente tornou-se protagonista e espectador de sua própria história de vida e no envolvimento com a cultura local. Esses homens e mulheres se apropriaram da herança simbólica que a cultura do maracatu lhes proporcionou ao longo dos anos, e o resultado de tudo isso foi o ativismo folkcomunicaçãoal que esses agentes sociais trouxeram para o Cambindinha de Araçoiaba e o Estrela de Ouro de Aliança. As transformações e conquistas podem ser enxergadas nitidamente no cotidiano desses artistas.

A reflexão abrange a maneira como são criadas as oportunidades e como são geridas, partir dessa visibilidade. No caso dos frutos conquistados pelo Cambindinha de Araçoiaba e o Estrela de Ouro de Aliança, a partir de suas viagens e apresentações, podemos partir inicialmente com o sentimento de valorização pessoal, pois para aquele que está à margem da sociedade num trabalho que não possui reconhecimento e nem valorização econômica para à mão-de-obra no plantio, subir num palco, receber cachê e ser aplaudido é fonte de vigor para o fortalecimento de suas aspirações pessoais, antes mesmo das coletivas. Ainda mais no caso das mulheres que, além da depreciação social da classe, também enfrentam as questões de gênero como o preconceito dentro da própria família, comum no ambiente rural. Ao nascer, a menina está sujeita às imposições do pai e irmãos mais velhos e, ao crescer e constituir a sua família, às do cônjuge.

“(...) Na sociedade patriarcal, a mulher, lutadora em um ambiente hostil, tem a sua feminilidade pouco mencionada; exceto no que diz respeito ao trabalho junto com seus maridos no corte da cana-de-açúcar, na vida familiar, em seus roçados e na vida doméstica – uma luta diária das “guerreiras” mulheres da Zona da Mata Norte de Pernambuco.” (PERROT, 2005 apud VASCONCELOS, 2012, p. 60).

No maracatu rural por muitos séculos foram proibidas a participação de mulheres, inclusive até as personagens femininas quando encenadas eram por homens, sendo ainda infelizmente uma prática comum na atualidade. O Coração Nazareno do município de Nazaré da Mata, por exemplo, é um grupo formado exclusivamente por mulheres que foram proibidas de participar de outros. Tanto no Cambindinha de Araçoiaba, quanto no Estrela de Ouro de Alianças, as mulheres vem conquistando os seus espaços.

Já no caso das conquistas coletivas, os resultados não visíveis através da materialidade exposta nas aquisições, como as sedes próprias e cada grupo. O Cambindinha possui uma casa localizada na área urbana de Araçoiaba, já o Estrela de Ouro de Aliança um sítio em Chã de Camará com biblioteca comunitária e até estúdio de gravação e funcionamento do Ponto de Cultura que, como parte do Programa Cultura Viva do Ministério da Cultura criado em 2004, garante o acesso às políticas públicas culturais, com o objetivo de funcionar como uma agência de fomento.

Assim, enquanto se apresenta o pensamento que anuncia o sepultamento do folclore frente às inovações tecnológicas. Os estudos em folkcomunicação convergem para o entendimento de uma total integração, diante dessa perspectiva de sepultamento sem sentido. De acordo com Benjamin (2006, p. 227), as manifestações folclóricas e populares, alicerçadas na tradição, se mesclam e se adaptam às novas tecnologias. Ao o Estrela de Ouro de Aliança conseguir a certificação do Ponto de Cultura, em 2004, pôde aprovar projetos por meios de editais que possibilitassem meios para as suas conquistas, como o estudo de gravação, as viagens e turnês pelo Brasil e até exterior, como a realizada para a França em 2006 para o XX Festival de Dança do Mundo na cidade de Serran. E o Cambindinha, ao obter a renda via os cachês das apresentações realizadas

em sua maioria durante o período de carnaval, mantém a manutenção do grupo o ano inteiro, com concerto e compra de instrumentos, materiais para os figurinos, despesas com a sede e demais necessidades do grupo.



Glaysdon Barreto/ Kiko

A reflexão sobre as oportunidades criadas e geridas nos remete à integração de diversos papéis não só de desenvolvimento dos grupos, mas antes a inclusão social de cada uma dessas pessoas que se apropriaram de sua cidadania. A perspicácia é evidente ao buscarem alternativas aos enfrentamentos a partir de oportunidades muitas vezes midiaticizada das manifestações culturais, mas sem se deixarem influenciar para a interferência na tradição da manifestação cultural. Essas pessoas aproveitam os meios, mesmo que midiáticos, para criarem suas próprias estratégias de sobrevivência no mundo multifacetado, os transformando em instrumentos de construção.

De acordo com José Marques de Melo (p. 47), folkcomunicação amplia o raio de observação sem se limitar aos “fenômenos da recodificação popular da mensagem da cultura massiva, mas também rastreando os processos inversos”. O que percebemos tanto no maracatu Cambindinha de Araçoiaba, quanto no Estrela de Ouro de Aliança, é o aproveitamento dos canais e espaços abertos para a visibilidade e fins econômicos sem que, com isso, afete as suas raízes. De acordo com Betania Maciel (2011), “as expressões das classes alijadas do processo de modernidade possuem as manifestações e muitas vezes estes folguedos, têm cunho religioso. (...). É o cumprimento de uma devoção. As pessoas vivem a sua crença, têm prazer em estar ali”.

Assim, diante dos processos de modernização, os integrantes se adaptam às novas realidades nos modos de negociação profissional para acordos contratuais, mas nunca sob qualquer efeito de intercessão no rito do maracatu rural. A cerimonia talvez até possa ser tratada como um espetáculo pelo público externo em determinados momentos massivos, mas nunca para os integrantes ao ponto de corromper a sua doutrina.

Ao buscarem saídas para os seus problemas e se apropriarem de instrumentos que conseguem alcançar, esses grupos demonstram emancipação. No caso do Cambindinha, por exemplo, um dos músicos que é jovem e tem facilidade para o acesso à internet, atualiza as redes sociais do grupo, atende aos pedidos da imprensa e até fotografa. Engana-se quem imagina a falta de resistência dos folkcomunicadores ou o isolamento com a sociedade massiva, diante dos enfrentamentos da monocultura canavieira.

O desenvolvimento dessas pessoas demonstra as aspirações à liberdade. Foram criadas lideranças, funções institucionais e organização gerencial capazes de contribuir para a ativação de suas potencialidades e recursos locais. Assim como Paulo de Jesus (2003, p. 72) suscita ao trazer Fotin e Prévost (1995, p.43) “o desenvolvimento local é, antes de tudo, um processo orgânico, um fenômeno humano”.

7. CONCLUSÃO

O estudo identificou a consagração da resistência das pessoas trabalhadoras rurais de Araçoiaba e Aliança a partir da criação e gerencia de estratégias para a inclusão social, mantendo viva a tradição no espaço e no tempo mesmo sob muitos impactos econômicos, políticos e culturais, inclusive, com a avassaladora globalização que pauteriza as relações culturais regionais. Além disso, a participação de mulheres no grupo demonstra o empoderamento feminino num lugar de difíceis mudanças comportamentais. Contudo, com a expertise desenvolvida para os incrementos engenhosos de contribuição para a preservação da identidade e, com isso, a valorização pessoal, de sua cultura, educação, saúde mental e perseverança para novo comportamento político, em uma sociedade capitalista que muitas vezes privilegia os modos culturais urbanos.

8. REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. G. Nem folclórico, nem massivo: o que é popular? Diálogos de comunicação. Lima: FELAFACS, jun. 1987, n. 17.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no capitalismo**. SP: Brasiliense, 1983.
- BENJAMIN, R. A Folkcomunicação no contexto da sociedade midiaticizada: a Folkcomunicação e as novas tecnologias. In: TRIGUEIRO, O. M. A; MELO, J. M. **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006.
- FREYRE, G. **Nordeste**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1989.
- JESUS, P. **Desenvolvimento local**. Porto Alegre: Unitrabalho e Veraz Editores, 2003.
- MACIEL, B. Folkcomunicação e desenvolvimento: uma abordagem dos estudos folkmediáticos na modernidade. In **Revista Razón Y Palabra**. México. n. 77. ago. – oct./ 2011
- MEDEIROS, Roseana Borges. **Maracatu rural: luta de classes ou espetáculo?** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005. (Coleção Capibaribe 2)
- MELO, J. M. **Mídia e cultura popular**. São Paulo: Paulus, 2008.
- REAL, K. **O folclore no carnaval do Recife**. Recife: Massangana, 1990.
- VASCONCELOS, T. **A mulher no maracatu rural**. Olinda: Assoc. Reviva, 2012.
- ONU. **Prevê-se que as retiradas mundiais de água aumentem cerca de 55% até 2050**. Disponível em: <http://www.unwater.org/statistics/statistics-detail/en/c/211820/>. Acessado em: 12 fev. 2017.
- Comissão Pastoral da Terra. **Agrotóxicos e Usinas de cana-de-açúcar condenam trabalhadores à morte na zona da mata de PE**. Pernambuco, 20 maio 2011. Disponível em: <https://www.cptne2.org.br/index.php/publicacoes/noticias/agrotoxicos/2853-agrotoxicos-e-usinas-de-cana-de-acucar-condenam-trabalhadores-a-morte-na-zona-da-mata-de-pe29>. Acessado em 6 mar. 2017.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/v3/cidades/home-cidades> .Acessado em: 2 març. 2017.
- Portal de infográficos e mapas deepask. Disponível em <http://www.deepask.com/goes?page=alianca/PE-Cana-de-acucar:-Veja-a-producao-agricola-e-a-area-plantada-no-seu-municipio>. Acessado em 2 març. 2017.